



A evolução do telejornalismo no Brasil: das locuções radiofônicas às grandes reportagens ¹

Cynthia Cristina de SOUZA²

Vanessa Matos dos SANTOS³

Universidade Sagrado Coração - USC, Bauru, SP

RESUMO

A TV está presente na maioria das residências brasileiras e é por meio dela que grande parte da população tem acesso às informações do cotidiano. Desde as primeiras transmissões a TV já trazia em sua grade os noticiários. Se compararmos o estilo dos programas jornalístico de TV, podemos averiguar que nos primeiros telejornais a opinião da emissora e de quem apresentava eram características marcantes, herdadas do rádio. Com o tempo, a televisão ganhou mais espaço por conta da expansão da infraestrutura técnica e também porque começou a oferecer variedade de programação. Muitos avanços já foram feitos e ainda estão por vir. Um novo desafio também nos é colocado e é preciso estar preparado para ele. Para estas situações, nada melhor que rever a história e aprender com as experiências anteriores. O objetivo deste artigo é oferecer embasamento histórico para que possamos pensar o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Televisão; Noticiários; Reportagem.

Breve história do telejornalismo brasileiro

Presente na televisão brasileira desde suas primeiras transmissões, o telejornalismo representa a principal fonte de informação à população no Brasil, uma vez que o aparelho de televisão está presente em mais de 95% das casas brasileiras, segundo dados de 2000 da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (TELECO, s/d).

Atualmente, existem telejornais regionais, nacionais e internacionais veiculados tanto na TV aberta quanto na TV fechada, segmentados de acordo com os espaços geográficos e seus públicos. Entretanto, nem sempre foi assim. No princípio, o

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Graduada do Curso de Jornalismo da USC - SP, email: cynthia_jornal@yahoo.com.br

³ Docente da USC-SP, Mestre em Comunicação pela Unesp-Bauru, Doutoranda em Educação Escolar pela Unesp-Araraquara. Integrante do GPECOM (USC), Estado e Governo (Unesp) e Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem (LEIA-Unesp), e-mail: vanmatos.santos@gmail.com



telejornalismo brasileiro era bastante limitado, tanto no que diz respeito à transmissão - uma vez que a nossa infraestrutura de telecomunicações era incipiente - quanto ao conteúdo, pois nem mesmo a linguagem e formato exigidos pelo novo meio de comunicação eram conhecidos.

No que se refere à infraestrutura, a expansão da rede de telecomunicações passa a ser expandida em território nacional notadamente a partir da década de 60. Nessa década, apenas 15 emissoras operavam em território nacional. Com efeito, elas estavam localizadas nas principais capitais e, a partir desse momento, os hábitos disseminados pela TV passam a exercer forte influência no cotidiano dos brasileiros (IDEC, s/d).

Quanto ao conteúdo, os primeiros anos da TV brasileira foram marcados pela ascensão dos programas musicais, de auditórios e telenovelas. Os noticiários televisivos ganharam credibilidade e audiência apenas alguns anos depois, quando os recursos técnicos e os profissionais foram se aprimorando. Se compararmos o estilo dos programas jornalístico de TV, podemos averiguar que nos primeiros telejornais a opinião da emissora e de quem apresentava (a opinião dos apresentadores) eram características marcantes, herdadas do rádio. Sobre essa questão, cabe a ponderação de que este fenômeno é natural, se considerarmos a história dos meios de comunicação. Nos períodos de ascensão de um novo meio de comunicação, a tendência natural é de que a linguagem utilizada seja aquela que outrora era praticada na mídia anterior. Assim, quando o rádio surgiu, os primeiros locutores utilizavam a linguagem do jornal impresso. Com o tempo e a familiaridade com a nova mídia, a linguagem específica passa a ser desenvolvida, testada e praticada. No caso da TV, a linguagem radiofônica imperou nos anos iniciais. Hoje, no entanto, a TV já tem uma linguagem própria, tanto imagética quanto sonora.

Se no início da história da TV no Brasil a opinião era algo valorizado no telejornalismo, atualmente sua isenção é sinônimo de credibilidade e seriedade. Se compararmos também outras características, encontraremos dissonância no que diz respeito ao teor nacional e internacional da televisão. Conforme descreve Bucci (2000, p.5), nos primeiros anos da TV brasileira, o conteúdo tinha forte apelo nacional por meio de “projetos culturais gerados no interior do estado, sob a inspiração da doutrina de segurança nacional, para dentro dos lares da nação”. Assim, deve-se considerar a assertiva de Bucci (2000):

[...] vivemos num imaginário globalizante e globalizado. O telespectador que se formou como um brasileiro hipnotizado pelas



imagens do projeto nacional — essas imagens o constituíram brasileiro — flana hoje como um consumidor da cultura mundial. (BUCCI, 2000, p. 5)

Para que o entendimento sobre o desenvolvimento dos noticiários televisivos no Brasil fique claro, é preciso revisitar, por meio de uma retrospectiva, os principais pontos da história do telejornalismo no Brasil.

Os primeiros passos

O primeiro telejornal brasileiro foi o *Imagens do Dia*, exibido um dia após a inauguração da TV Tupi de São Paulo em 18 de setembro de 1950. O radialista Rui Resende era quem narrava e produzia as notícias que, na maioria das vezes, não tinham imagens ilustrativas. Quando essas imagens existiam, elas eram em preto e branco e sem som. (PATERNOSTRO, 1999).

Outro ponto curioso do *Imagens do Dia* está no fato de que o programa não tinha horário fixo para ser exibido, variando entre nove e meia e dez horas da noite, como descreve Sousa Filho (1997 apud MATTOS, 2002, p. 85): “[...] profissionais da época dizem que o programa tinha uma particularidade: ele tinha horário para começar mais ou menos definido, mas só acabava quando não tinha mais nenhuma imagem para ser exibida”.

Porém, esta não era a única característica deste programa. Em seus primeiros anos, a grade de programação da TV brasileira não seguia um padrão fixo. A rigorosidade de horários começou a ser empregada apenas em meados da década de 60, com o surgimento da TV Globo, como destacaremos adiante.

Em 1952 surgem outros telejornais, mas a maioria tinha apenas um único patrocinador que dava o nome ao noticiário. Entre eles estão: *Telenotícias Panair*, *Telejornal Bendix*, *Reportagem Ducal*, *Telejornal Pirelli*, entre outros (TUDO, c1998-2010).

Como já mencionado, a principal característica dos primeiros telejornais era o estilo radiofônico utilizado para a produção e transmissão das notícias, ou seja, os acontecimentos eram narrados com todos os pormenores e adjetivos possíveis, como exemplifica Mello (2009, p. 2): “[...] as frases eram longas e traziam muitos detalhes



sobre os assuntos enfocados”. Nossos recursos humanos eram oriundos do rádio, conforme destaca Leal Filho (2000):

A televisão brasileira é herdeira do rádio em todos os sentidos. Dele vieram a mão-de-obra pioneira, as fórmulas dos programas e o modelo institucional adotado. Diferentemente dos Estados Unidos, onde a inspiração estava no cinema, ou da Europa, onde o teatro era referência importante, aqui o rádio foi a matriz da televisão (LEAL FILHO, 2000, p. 107).

Sobre a estrutura física dos telejornais, Lorêdo (2000, p. 66) descreve que eles eram precários, pois a angulação da câmera para a captação da imagem era sempre a mesma: o apresentador ficava diante das câmeras “[...] como um retrato 3X4, lendo as notícias colhidas pelos repórteres”. As notícias internacionais, por sua vez, eram sempre atrasadas, pois não havia satélite e nem fax que permitisse que as notícias chegassem a tempo para exibição. As poucas ilustrações exibidas eram bastante frágeis.

A partir dos anos 60, as emissoras de TV aumentam o espaço dos telejornais em suas grades, principalmente por causa do progresso tecnológico e também pela inauguração de Brasília, capital do País. Esse avanço tecnológico resultou no surgimento de um novo telejornal exibido pela TV Excelsior a partir de 1962, o *Jornal de Vanguarda*. Segundo Barbosa (1985 apud REZENDE, 2000, p. 107), este noticiário surgiu a partir de uma fase de grande criatividade e expansão intelectual. O resultado desse contexto estava expresso na criação de um noticiário inovador, moderno e criativo que teve como novidade a participação de jornalistas na produção de notícias.

Outra inovação do *Jornal de Vanguarda* com seu slogan “Um Show de Notícias” foi verificada pelo fato de que este telejornal tinha jornalistas comentando o conteúdo. Como exemplo, podemos citar Newton Carlos, comentarista internacional, responsável pelo “De olho no mundo”; Gilda Müller, responsável por “Um minuto mulher”; João Saldanha, como comentarista de esportes; Villas Boas-Corrêa, Tarcísio Holanda e Sérgio Porto apresentando o lado engraçado das notícias, além de Millôr Fernandes, Hélio Polito e Darwing Brandão. (LORÊDO, 2000)

De acordo com Rezende (2000, p. 107), “[...] a qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos”, o que resultou em prestígio nacional e reconhecimento internacional. E, como resultado, o *Jornal de Vanguarda* recebeu o Prêmio Ondas em 1963 na Espanha.



Apesar de ser premiado, o *Jornal de Vanguarda* não ficou no ar por muito tempo. Entretanto, seu modelo foi copiado por várias emissoras (MATTOS, 2002). De acordo com Mello (2009, p. 4), este telejornal “[...] saiu do ar por decisão de seus produtores depois do Ato Institucional nº 5, antes que morresse aos poucos, a exemplo de outros telejornais da época”.

Deve-se destacar que, nesta época, o telejornalismo brasileiro cresceu com dificuldades em meio a uma programação que focava o entretenimento através de programas de grande apelo popular: telenovelas, filmes e seriados internacionais (enlatados) e shows de auditório. Rezende (2000, p. 108) descreve a situação do telejornalismo na época:

O telejornalismo – além da interferência política forte – continuava a padecer com a falta de um estilo próprio. Os telejornais ressentiam-se ainda da influência da linguagem radiofônica e caracterizavam-se pelo aproveitamento insatisfatório de seu potencial informativo mais expressivo: a imagem.

Um dos grandes marcos dessa época foi o telejornal *O Seu Repórter Esso*. Em 1º de abril de 1952 surge *O Seu Repórter Esso* que, segundo Rezende (2000), foi o mais importante telejornal daquela década. O noticiário ocupava o horário nobre da TV Tupi e seu conteúdo abrangia assuntos nacionais e internacionais, conforme descreve Lorêdo (2000, p. 42):

O Seu Repórter Esso ia ao ar de segunda a sábado, às 19h45, e foi, sem dúvida, um marco na TV brasileira, não só pelo serviço informativo que prestava, mas também pela seriedade e credibilidade impostas por seu apresentador, que, desde o início do programa, trabalhou com a equipe de redatores – R. Magalhães Júnior, Marcos Reis e Maurício Dantas com sua equipe de cinegrafistas muito competentes.

Mattos (2002) explica que este telejornal foi uma adaptação do radiojornal de grande sucesso - *O Repórter Esso* – que era transmitido pela Rádio Nacional e criado pela agência publicitária United Press Internacional que já entregava o programa pronto. Entretanto, o surgimento do noticiário na televisão causou um impasse. De acordo com Lorêdo (2000), a Rádio Nacional não autorizou o uso do mesmo nome pela televisão e, por isso, durante o primeiro mês, o telejornal foi chamado *Telejornal Tupi*. Mas, desta vez, foi a Esso quem não gostou e o nome do noticiário foi novamente modificado para *Telejornal Esso*, apesar de ainda causar insatisfação à revendedora de combustível. O autor ainda explica que “[...] somente depois de muita discussão, todos entraram em



acordo e o programa recebeu seu nome definitivo – *O Seu Repórter Esso* – com o qual ficaria no ar por 18 anos e 9 meses, até 31 de dezembro de 1970”. (LORÊDO, 2000, p. 41).

Depois de anos de sucesso, as últimas transmissões do *O Seu Repórter Esso* aconteceram na mesma época em que *Jornal Nacional* surgiu. Esquenazi (1993 apud REZENDE, 2000, p. 111) descreve esta transição:

Enquanto o *Jornal Nacional* imediatamente passava a comandar a audiência entre os telejornais do horário nobre, *O Seu Repórter Esso*, o porta-voz da multinacional norte-americana revendedora de combustível, dava seus últimos suspiros, no último dia de 1970. O seu desaparecimento representava o fim de um modelo dominante no telejornalismo do Brasil durante muitos anos, que se tornou célebre pelos *slogans* “O primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”, entoados por outro símbolo do programa, o apresentador Gontijo Teodoro. (ESQUENAZI, 1993 apud REZENDE, 2000, p. 111).

Ainda sobre o impacto do fim do telejornal *O Seu Repórter Esso*, a TV Tupi⁴ tentou superar a crise lançando o *Rede Nacional de Notícias*, mas sem obter sucesso (REZENDE, 2000). Este telejornal era transmitido diariamente para várias capitais do País e tinha como principal característica o cenário que colocava os apresentadores em primeiro plano destacando, ao fundo, a sala de redação.

Durante os anos nos quais foi exibido, *O Seu Repórter Esso* também foi transmitido para outras cidades brasileiras. Entretanto, a diferença era que cada cidade tinha o seu apresentador. Deste modo, Paternostro (1999) detalha que, em São Paulo, o telejornal era apresentado por Kalil Filho e, no Rio de Janeiro, por Gontijo Teodoro, dois locutores conhecidos de rádio que começavam a esboçar linguagem e narrativa televisiva.

Jornal Nacional

⁴ Em 18 de setembro de 1950, Assis Chateaubriand, a fim de realizar um sonho, inaugurou a PRF-3 TV Difusora, a TV Tupi de São Paulo, no canal 3, mais tarde canal 4, a pioneira da América Latina. Apesar de ser implantada em setembro em São Paulo, a televisão brasileira teve sua transmissão experimental em 3 de abril do mesmo ano no Rio de Janeiro. Para a transmissão experimental, Chateaubriand teve que importar 200 aparelhos de TV e espalhar por lojas e bares da cidade para que a população acompanhasse a programação. Segundo Paternostro (1999), durante os primeiros seis meses a TV Tupi ficava no ar por cinco horas diárias, das seis às onze da noite. E sua programação exibia filmes, espetáculos de auditório e noticiários.



Lançado em 1º de abril de 1969, o *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal a ser transmitido simultaneamente e ao vivo para as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Rezende (2000, p. 110) descreve que, apesar das vantagens e das tecnologias do noticiário, a TV Globo “[...] teve que enfrentar o estigma que perseguiria a emissora por muitos anos: a afinidade ideológica com o Regime Militar” que se fez presente durante as primeiras reportagens do telejornal.

Além de ser o primeiro noticiário a ser transmitido para todo o país, o *Jornal Nacional* foi o primeiro a apresentar reportagens em cores e também a transmitir imagens internacionais no mesmo instante em que aconteciam, via satélite. O modelo de narrativa e linguagem do telejornal apresentado pela Rede Globo tinha como base os noticiários americanos (PATERNOSTRO, 1999).

Atualmente, o *Jornal Nacional* é o noticiário mais antigo da TV brasileira e está, há mais de duas décadas, em exibição. Durante estes anos, o *JN* tem sido referência para os demais telejornais nacionais, devido à sua rigorosidade quanto ao tempo, estilo das reportagens e apresentação das notícias.

Os telejornais das décadas de 70 e 80

Durante as décadas de 70 surgiram vários telejornais em todas emissoras, mas nos anos 80 o ritmo não foi o mesmo. Alguns telejornais deixaram de serem transmitidos, poucos foram criados e alguns se mantiveram no ar, modificando e/ou melhorando o estilo do programa.

No começo dos anos 70, a TV Cultura lançou o telejornal líder de audiência *A Hora da Notícia*. Segundo Carvalho (1979, apud REZENDE, 2000, p. 112), este telejornal tinha como prioridade a realidade brasileira, pois “[...] não tinha grande preocupação com a forma, nem obedecia a um padrão específico, mas todos os assuntos tinham forçosamente uma ligação direta com o telespectador”.

Também nos anos 70, a TV Bandeirantes lançou o telejornal *Titulares da Notícia* que tinha como atração a dupla sertaneja Tônico e Tinoco como apresentadores das notícias do interior paulista. Este telejornal também foi o primeiro a ter repórteres apresentando as notícias, valorizando o trabalho do profissional. Tal modificação na apresentação das notícias deu mais credibilidade aos noticiários televisivos, uma vez



que, como afirma Rezende (2000, 113), “[...] quem estava no vídeo, transmitindo as informações, não era apenas um locutor, mas alguém que participara diretamente da cobertura dos acontecimentos”.

Em 1971 é a vez da TV Globo lançar um novo telejornal - o *Globo Shell Especial* - que permaneceu com este nome até 1974, quando passou a se chamar *Globo Repórter Documento*. Este telejornal, que era transmitido às sextas-feiras às 21 horas, inovou com a participação popular relatando seus problemas em uma emissora de TV. Depois de dois anos, a TV Globo também lançou o *Fantástico - o Show da Vida* que, segundo Mello (2009), venceu o tempo e ainda é transmitido semanalmente aos domingos. O sucesso deste noticiário resulta da combinação homogênea entre entretenimento e jornalismo, traduzindo uma mudança na programação dominical na época.

Ainda nos anos 70, a TV Cultura lançou outro telenoticiário. O *Hora da Notícia Reportagem* foi ao ar em 1976 e tinha duração de 30 minutos. Exibia séries de documentários sobre a realidade popular brasileira, algo inédito para a época.

Em 1977, a Rede Globo inovou lançando o primeiro noticiário matutino da TV brasileira que foi o *Bom Dia São Paulo*. A novidade deste telejornal era a UPJ, ou seja, a Unidade Portátil de Jornalismo, um equipamento que permitia a entrada do repórter ao vivo de qualquer ponto da cidade de São Paulo passando informações de como estava o tempo, o trânsito, a movimentação geral da cidade, prestação de serviço, entre outras possibilidades. Em pouco tempo, este modelo de telejornal foi adaptado para diversas praças e emissoras filiadas à Rede Globo, mantendo a característica de prestação de serviço até os dias de hoje (PATERNOSTRO, 1999).

Durante o final dos anos 70 e o início dos 80 surgiu um novo programa semanal de entrevista na TV Tupi, o *Abertura*. Como o noticiário nasceu durante a censura militar, sua principal atração eram os entrevistados exilados que retornavam ao Brasil. Apesar do sucesso, o programa foi exibido por apenas um ano e meio, até meados dos anos 80, quando a TV Tupi saiu ar.

No início da década de 80 nascem duas novas emissoras: o SBT e a TV Manchete. Esta última teve sua programação jornalística voltada para as classes A e B, e foi inspirada na experiência das emissoras européias e norte-americanas. O *Jornal da Manchete* era exibido no horário nobre da TV brasileira e priorizava o comentário e as análises dos fatos (REZENDE, 2000). A TV Manchete ainda se destacou com o programa jornalístico *Conexão Internacional* que exibia entrevistas com celebridades



do mundo todo. Em 1986 este telejornal recebeu o prêmio Rei da Espanha⁵, pelo melhor conjunto de entrevistas realizadas. (REZENDE, 2000).

Em 1983 a Rede Globo lançou mais um telejornal matutino: o *Bom Dia Brasil*. Este noticiário nasceu em Brasília e tinha como preferência os assuntos políticos e econômicos. Assim como atualmente, o *Bom Dia Brasil* entrava no ar logo após o telejornal *Bom Dia Praça*, de cada estado (PATERNOSTRO, 1999).

Em meados dos anos 80 o SBT tentou lançar diversos telejornais que fracassaram, entre eles estão o *Cidade 4*, *24 Horas*, *Últimas Notícias* e *Noticentro*. A falha destes noticiários aconteceu entre os últimos anos do Regime Militar porque, segundo Mello (2009, p. 9), o SBT mantinha uma relação de “[...] cumplicidade com os interesses dos mais fortes”, no caso, com os governantes do Regime.

A censura militar e o telejornalismo no Brasil

Como já mencionado anteriormente, o Golpe Militar de 1964 teve grande influência sobre o telejornalismo brasileiro. Dentre vários outros telejornais, o *Jornal Nacional* também sofreu com a censura militar. Rezende (2000, p. 115) explica que apesar do formato exemplar do *JN*, o conteúdo das notícias era superficial.

Se no plano da forma tudo ia bem, êxito igual não se obtinha quanto ao conteúdo. A riqueza plástica não encontrava compatibilidade com o trabalho jornalístico. Durante a fase da censura mais aguda, o telejornalismo, sobretudo o praticado na Globo, líder de audiência, acabou se afastando da realidade brasileira. Despolitizada, a emissora encontrava nos programas de entretenimento o atalho para se aproximar afetivamente a sua realidade.

A superficialidade das notícias afetou o telejornalismo durante a censura militar, pois não permitia o aprimoramento dos conteúdos exibidos. No entanto, Rezende (2000) afirma que a superficialidade dos noticiários não era reflexo apenas da censura da época, mas sim uma vertente editorial aplicada aos telejornais, baseada na agilidade do estilo “manchetado” utilizado, até então, pelos programas jornalísticos de rádio. Segundo o jornalista Boris Casoy (1997, apud REZENDE, 2000, p. 116), este padrão “[...] foi implantado pela Rede Globo durante o Regime Militar, buscando substituir a ausência de substância no noticiário”.

⁵ O Prêmio Rei da Espanha surgiu em 1983 e reconhece os melhores trabalhos de jornalistas latino-americanos, oferecendo prêmios em dinheiro.



Porém, a censura do regime militar interferiu no conteúdo dos telejornais brasileiros que, para contrabalançar as perdas causadas pela repressão, os noticiários optaram por aumentar a cobertura internacional a fim de alertar a consciência do público para os assuntos polêmicos, como exemplificam Mello e Souza (apud REZENDE, 2000, p. 116):

Ninguém podia falar de greve, no Brasil? Então, lá estavam as imagens de um movimento grevista importante, ocorrido na França, por exemplo. Eleições era tema proibido? Lá estavam as imagens e as informações sobre eleições realizadas nos Estados Unidos, para citar outro exemplo.

De acordo com Mello (2009, p. 3), o período do Regime Militar foi difícil para os telejornais brasileiros, pois havia a necessidade de cuidado no uso das palavras, uma vez que as questões políticas poderiam influenciar positiva ou negativamente os telejornais e suas emissoras. Os repórteres também tinham que ter cuidado, pois seriam punidos duramente caso ultrapassassem os limites do “poder” e incomodassem os militares. Mello ainda destaca que “[...] a repressão fez com que muitos profissionais da área do jornalismo abandonassem a carreira para sobreviver à censura e às punições”.

Em 1984 os telejornais começaram a transmitir sua programação, principalmente a jornalística, de forma “livre”. Após anos moldados de acordo com a censura, os primeiros sinais de nova política aparecem com as manifestações das *Diretas Já*.

No entanto, segundo Marques de Melo (1984 apud REZENDE, 2000, p. 123), “[...] o movimento encontrava ressonância no jornalismo impresso”, mas não nas emissoras de TV, principalmente a Rede Globo, que “[...] ignoravam o clamor das multidões que lotavam as praças das grandes capitais brasileiras”.

Enquanto a TV Cultura era a única a realizar a cobertura direta do comício (o que lhe valeu um aumento vertiginoso de audiência), pressionada pelo vigor popular e pela insatisfação de seus próprios funcionários, a Globo resolveu dar uma breve notícia sobre o fato no Jornal Nacional. Mesmo assim, referiu-se ao comício como se ele fizesse parte das comemorações do 430º aniversário da capital paulista e não tivesse qualquer conotação política. (REZENDE, 2000, p. 124).

Se fizermos uma reflexão crítica, será possível perceber que, apesar do fim do regime militar e do início da Nova República no final da década de 80, os meios de comunicação - principalmente a televisão - ainda não tinham assimilado os caminhos para exercerem seu papel com “liberdade”. Ainda segundo Rezende (2000), a liberdade



de imprensa aconteceu em partes, já que as concessões dos canais de radiodifusão eram autorizadas pelo Presidente da República e, portanto, tornaram-se moeda de troca em acordos políticos. As emissoras de TV acabaram ficando presas às influências políticas por conta desse histórico. De acordo com Mello (2009), apenas em 1988 é que os noticiários televisivos encontram um modo distinto de fazer jornalismo.

Padrão Globo e o telejornalismo

Apesar de o período exigir uma reestruturação dos telejornais da época por conta da transição pós-regime militar, o *Jornal Nacional* mantinha sua audiência estável com uma estratégia de se manter entre as novelas das sete e das oito, que eram os programas de maior audiência na emissora (REZENDE, 2000). A tão esperada reestruturação dos telejornais foi realizada por José Bonifácio Sobrinho, o Boni, considerado o responsável por criar o “padrão Globo de qualidade”.

Moreira (2000) explica que a Rede Globo realizou modificações em sua emissora que garantiram a liderança da audiência de sua programação. A principal modificação no telejornalismo foi a desvinculação do noticiário em relação aos patrocinadores. A partir desta época, a Rede Globo destinou aos patrocinadores o intervalo dos programas, os comerciais.

Outra modificação implantada por Boni está no fato de que a emissora não se especializou em um gênero de programa, como as demais. Por exemplo, a TV Excelsior transmitia, na maioria da sua programação, telenovelas. A TV Rio conseguiu êxito com os programas de humor e a TV Record obteve sucesso em seus programas musicais. Moreira (2000, p. 40) explica que este tipo de programação específica resultou na fragilidade das emissoras no que se refere à gestão, pois “[...] se um dos carros-chefe ia mal a emissora afundava junto. Já Globo atuou como um rolo compressor em todos os horários da grade. Ela tinha como objetivo a hegemonia em todos os gêneros”.

Apesar de não ser a pioneira do telejornalismo nacional, foi a TV Globo que implantou um modelo de fazer telejornalismo no Brasil. A emissora foi responsável por unir imagem e texto de forma complementar e, em consequência, tornou os noticiários mais interessantes para o telespectador. Além da qualidade, a Globo também buscava abolir os improvisos e empregar a rigorosidade com o horário de exibição. Essas determinações foram fundamentais para a ascensão da TV Globo. (MELLO, 2009).



Telejornais da década de 90 e anos 2000

No começo dos anos 90, o SBT tentou novamente exibir telejornais em sua grade de programação. Os noticiários lançados pela emissora durante o início desta década foram o *Aqui Agora*, em 1991, e o *Telejornal Brasil*, em 1992.

O *Aqui Agora* era um telejornal popular baseado no programa argentino *Nuevedinario*, que tinha “[...] influência da linguagem radiofônica, usava o plano-sequência para dar mais realismo e suspense às histórias que narrava” (REZENDE, 2000, P. 131). O objetivo deste noticiário era conquistar as classes C/D/E por meio do seu estilo “sensacionalista, apelativo, recheados de reportagens policiais com ação, aventura, flagrantes, denúncias, violência e tensão” (PATERNOSTRO, 1999, p. 37). O programa alcançou grande audiência em São Paulo, mas fracassou no Rio de Janeiro. E, em 1997, a emissora parou de exibir o telejornal.

Para o *Telejornal Brasil*, a emissora investiu em equipamentos e profissionais, reformulando assim o formato de seus programas jornalísticos. A contratação de Boris Casoy como âncora do noticiário garantiu o sucesso do telejornal, como explica Mello (2009, p. 10):

Ele apresentava, comentava e dava opinião sobre as notícias, além de fazer entrevistas durante o telejornal. Para alguns jornalistas, ele deturpava o trabalho do âncora. As mudanças conquistaram o público e o TJ Brasil, como era chamado, superou os índices de audiência de outros programas do SBT. (MELLO, 2009, p. 10).

Apesar do sucesso do *Telejornal Brasil*, o SBT extinguiu o noticiário em dezembro de 1997 (REZENDE, 2000). De acordo com Marlin (1998 apud REZENDE, 2000, p. 142) “o fim do jornalismo no SBT [...] é uma exemplar volta às origens de uma emissora que não veio ao mundo para fazer jornalismo”.

Durante os anos 90, a TV Cultura também investiu no telejornalismo apostando em um novo formato. O *Telejornal da Cultura* tinha diversas editorias como economia, política, geral e internacional.

A partir de meados dos anos 90 surge a TV por assinatura e, com ela, os canais segmentados. Em 1996, a Globo lança seu canal exclusivo de notícias, 24 horas no ar. O canal *Globo News* - “a vida em tempo real” - tinha como proposta cobrir as limitações



que as grades de programação impunham às TVs abertas, além de produzir matérias mais extensas e de conteúdo aprofundado.

No começo das atividades, o sinal do novo canal era distribuído apenas pelo sistema de TV a cabo Net-Multicanal, mas foi depois estendido aos demais assinantes, substituindo a CNN, a emissora norte-americana pioneira em uma programação exclusivamente jornalística. (REZENDE, 2000, p. 138).

Outro ponto forte dos anos 90 foi a chegada da internet que, conforme descreve Mello (2009, p. 3), permitiu que os programas telejornalísticos disponibilizassem, ao poucos, o conteúdo diário dos telejornais em suas páginas na rede. Essa ação contribuiu para o aumento do fluxo de informações entre o público, que a cada dia está mais exigente com relação à forma de manter-se informado. E, para atender as exigências de seu público, a televisão investe em seus noticiários, como exemplifica Lorêdo (2000, p. 64) ao afirmar que o telejornalismo atual é a grande linguagem da televisão, pois, hoje, ao vivo, traz informações em tempo real. Ainda segundo o autor, a televisão a partir do ano 2000 é atuante e exerce integralmente uma das suas principais funções: “informar, e informar bem, com seriedade, com honestidade e credibilidade”.

Conclusão

Desde seu surgimento no Brasil, a TV está cada vez mais presente na casa dos brasileiros. O veículo se destaca por representar a principal fonte de democratização da informação, entreter e até mesmo ensinar. A transmissão das informações pela televisão ocorre, em grande parte, através dos telejornais, mais especificamente, por meio das notícias televisivas.

É importante observar que o telejornalismo que hoje nos é apresentado é fruto de um processo histórico e mudanças sócio-políticas no cenário nacional que ocorreram ao longo das últimas décadas. Desde o *Imagens do dia* até os padrões atuais e as crescentes investidas feitas frente ao “padrão Globo”, muitas mudanças aconteceram, tanto do ponto de vista do conteúdo quanto do ponto de vista infraestrutural.

Se no início da década de 60 a infraestrutura de telecomunicações incipiente freava o desenvolvimento da TV no Brasil, entre outros motivos, hoje o próprio governo investe na expansão da rede de telecomunicações. É certo que o objetivo não é a



televisão e sim a internet, mas a TV se beneficia – e muito – dessas políticas. No que tange a questão do conteúdo, muitas propostas novas tem se colocado no cenário televisivo, desde os clássicos programas de auditório até os novos formatos de jornalismo, mais participativos, interativos.

Muitos avanços já foram feitos e ainda estão por vir. Com a chegada da TV Digital, espera-se, pelo menos inicialmente, que o telespectador desenvolva um novo modo de ver TV. Entende-se que um novo desafio também nos é colocado e é preciso estar preparado para ele. Para estas situações, nada melhor que rever a história e aprender com as experiências antecedentes. O presente artigo buscou, em síntese, oferecer embasamento histórico para que possamos pensar o futuro.



Referências

IDEC. Telecomunicações no Brasil. Disponível em: <http://www.idec.org.br/telecom/> Acesso em: 30 mar. 2011.

LORÊDO, J. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Ed. Alegro, 2000.

MATTOS, S. As fases do desenvolvimento da TV no Brasil. In: _____. **História da televisão brasileira: Uma visão econômica e política**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002. p. 78-162.

MELLO, Jacira Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

MOREIRA, Roberto. Vendo a televisão a partir do cinema. In: BUCCI, Eugênio. (Org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 35-45.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1999.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Ed. Summus, 2000.

TELECO. Seção: Telecomunicações. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>. Acesso em: 28 mar. 2011.

TUDO sobre TV. História da Televisão no Brasil, 1998-2010. **Apresenta textos sobre a televisão brasileira**. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/historTV/historbr.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2010.